



## RESENHA

Bastardas-Boada, Albert. *From Language Shift to Language Revitalization and Sustainability: A Complexity Approach to Linguistic Ecology*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2019.

Resenhado por Pere Comellas (Grup d'Estudi de Llengües Amenaçades, Universitat de Barcelona).

Em 1996, o professor Albert Bastardas-Boada publicou um livro intitulado *Ecologia de les llengües: medi, contactes i dinàmica sociolingüística*. Tratava-se de uma contribuição pioneira e original à abordagem ecológica dos fenômenos de contato linguístico feita da perspectiva de um especialista que ao mesmo tempo é falante de uma língua minorizada, o catalão.

O livro teve um impacto muito considerável no meio acadêmico ibérico. Disse que foi pioneiro porque nessa altura a abordagem ecolinguística —apesar de atrair uma certa atenção e interesse no espaço catalão e de ter algum ilustre precedente— era quase uma novidade no nosso meio acadêmico. Mas sobretudo foi original porque propunha repensar as bases epistemológicas da própria disciplina sociolingüística. Bastardas perguntava-se pelos fundamentos, pela validade do paradigma hegemônico baseado na superespecialização e na separação entre o sujeito (supostamente exterior, independente, objetivo) e o objeto de estudo. Enquanto que as ciências físicas tinham praticamente um século de experiência na reflexão sobre o problema do observador e o papel do sujeito na construção do conhecimento, as ciências sociais e humanas pareciam ainda imersas num paradigma positivista e analítico, pareciam funcionar com a metáfora do mundo como uma máquina. Mais de vinte anos depois, o prof. Bastardas-Boada republica esse livro numa edição revisada e traduzido para o inglês, com a convicção de que aquela linha de pensamento e de pesquisa, devidamente atualizada e com novas incorporações epistêmicas e teóricas, faz hoje o mesmo sentido ou ainda mais do que naquela altura.

Na nova versão, o termo «ecologia» não aparece no título, mas no subtítulo, que também incorpora uma palavra-chave fundamental no pensamento do autor: a complexidade. Com efeito, nos últimos anos o prof. Bastardas-Boada vem trabalhando na linha da teoria da complexidade (para a qual propõe um neologismo, a *complèxica*, para evitar a ambiguidade e a polissemia de «complexidade» ou «complexo»), uma área multidisciplinar herdeira de várias tradições científicas como a cibernética, a teoria de sistemas, a ecologia, a física teórica, a abordagem humanística de Edgar Morin ou a sociologia de Norbert Elias, e que incorpora tendências recentes como a teoria de redes, a modelização computacional ou os

sistemas adaptativos complexos. Essa linha, porém, não representa nenhuma ruptura com respeito ao trabalho anterior, pelo contrário, trata-se do desenvolvimento dos mesmos princípios teóricos de 1996: «The book was originally conceived from an ecological and holistic viewpoint, which we prefer nowadays to call a *complexity* or *complexical* approach» (p. 15).

O novo livro apresenta duas partes bem diferenciadas, e só a primeira delas é uma tradução e atualização do anterior trabalho, enquanto que a segunda retoma textos publicados em diferentes fontes, todos posteriores a 2002, a maioria também originais em catalão e agora traduzidos. No prefácio, o autor enquadra sua pesquisa dos últimos anos estabelecendo esse vínculo com a abordagem teórica que escolheu mais de duas décadas atrás e que se revelou frutífera. Na introdução, define seu objetivo básico: contribuir para a compreensão dos fenômenos de contato linguístico de uma perspectiva geral e integrada, mas fundamentalmente focada na Europa Ocidental e particularmente no caso catalão. É um olhar que vai continuamente das realidades mais próximas às considerações mais abstratas. Bastardas propõe a metáfora da música e da partitura orquestral, «which enables us to visualize different planes of the same unitary phenomenon and which exists sequentially, that is, in time». (p. 32).

Já no primeiro capítulo apresenta-se com algum pormenor a orientação teórica, baseada na crítica aos paradigmas científicos positivistas tradicionais e numa abordagem inspirada em disciplinas como a física. Segundo Bastardas, nenhuma ciência pode ignorar o complexo cérebro-mente e seu papel no conhecimento, muito menos as ciências sociais, nas quais o observador e o fenômeno observado são da mesma natureza, nas que «two minds, or sets of minds, intervene» (p. 37). Do mesmo modo, a análise é substituída pelo contexto e a interação (o ecossistema), a causalidade linear pela circular, e a reificação pelo fluxo dinâmico. Conceitos que, obviamente, desenvolvem um conceito de língua muito longe da ideia de «código».

O capítulo 2 constitui uma aplicação dessas ideias ao contato linguístico. O texto estrutura-se em níveis: a importância do cérebro-mente na representação da realidade, a construção social da mente e a importância da interação, o fenômeno cultural, e a estrutura política e de poder, com frequentes exemplos relacionados com a conduta e as representações linguísticas, sobretudo do âmbito catalão. O capítulo seguinte entra no estudo das dinâmicas do contato linguístico. O autor apresenta os modelos prototípicos de planificação linguística e standardização, com as suas etapas: seleção de variedade(s), codificação, extensão da competência e do uso, elaboração funcional, e finalmente aceitação e avaliação. Talvez o mais interessante desta parte seja que abundam nela referências bibliográficas pouco habituais, isto é, não anglófonas (uma característica, aliás, comum no trabalho todo).

A seguir, o livro analisa os cenários fundamentais resultado de um ecossistema linguístico complexo em que o contato é a regra e onde o poder político projeta gerir a conduta linguística das pessoas. Um primeiro cenário é o da adaptação mútua, comum quando a diversidade que o Estado pretende nivelar é pouca. O conflito entre a variedade vernácula e a standardizada (sejam ou não consideradas línguas distintas) pode resultar numa convergência e num abandono da primeira em favor da segunda. Uma segunda possibilidade é a diglósica, isto é, a distribuição de funções entre duas variedades (geralmente identificadas como a mesma língua, apesar da distância estrutural e até da mútua incompreensão), de forma que toda a população ou a maior parte dela usa ambas em função do contexto comunicativo, o que gera uma certa estabilidade.

A terceira possibilidade é a substituição linguística, e traz um período de bilinguização, hierarquização das variedades presentes privilegiando o padrão, difusão de ideologias linguísticas que estigmatizam os vernáculos enquanto relacionam o padrão com valores positivos como a modernização, a coesão social ou a comunicação, e finalmente renúncia à

transmissão linguística intergeracional seguido do abandono da língua. Nesse processo, o poder político dispõe de poderosos instrumentos como o controle das comunicações institucionais, a educação generalizada ou a legislação. Em troca, as comunidades linguísticas divergentes contam com certa capacidade de resistência, maior quanto mais autoestima coletiva e mais engajamento das próprias elites.

O capítulo fecha com a análise dos cenários de contato provocados não pelos poderes políticos de um estado moderno, mas pelos movimentos migratórios. Bastardas apresenta o esquema prototípico das três gerações no processo de perda da própria variedade das pessoas migrantes, segundo a qual os netos dessas pessoas geralmente são perfeitamente assimilados à comunidade linguística receptora, apesar de grandes diferenças nessa dinâmica em função do contexto, com fatores como a demolinguística (tamanho do grupo linguístico migrante e distribuição no território de destino), a presença da língua nas comunicações institucionais (por exemplo, a integração linguística de um migrante francófono será muito distinta em Marrocos, onde existe uma elite falante de francês, que nos Estados Unidos), o prestígio (o inglês ou o chinês têm maiores probabilidades de transmissão e sobrevivência em situação de migração do que o galês ou o quéchua) e as normas sociais (em França a ideologia do padrão é mais forte do que na Suíça). O outro cenário, inverso, é a minorização da língua autóctone, como aconteceu em casos de colonização e/ou de migrações intraestatais de grupos politicamente hegemônicos no estado.

O quarto capítulo estuda os processos de revitalização linguística, isto é, as tentativas de reverter uma dinâmica substituidora. Seguindo a terminologia mais comum na sociolinguística catalã — herdeira do quadro teórico proposto por Lluís V. Aracil na década de sessenta do século XX —, Bastardas usa o conceito de «normalização», que distingue claramente de «standardização» (de fato, a normalização habitualmente inclui uma standardização) e que o autor define como o «intentional social macro-process which, starting from a situation of language subordination, seeks recovery of functions and speakers for subordinate code X, with the aim of impeding, stopping or reversing language shift and of fully ensuring the future stability and continuity of cultural community x» (p. 175). O livro propõe três cenários prototípicos de resolução de um conflito linguístico provocado pelo projeto homogeneizador de um estado-nação que inclui grupos etnolinguísticos diversos: assimilação, autonomia ou separação. Que uma comunidade siga um ou outro caminho vai depender de muitos fatores, sendo um deles um aparente paradoxo: a própria pressão assimiladora do estado com frequência gera uma reação, visto que “A state not only creates its own nation, but in reaction to this event, can readily promote, albeit involuntarily, the creation of other national (id)entities within the state” (p. 173). Outros fatores fundamentais que condicionam o processo são o grau de soberania política da comunidade; a situação sociolinguística de partida; a composição demolinguística, e o grau de reconhecimento dos direitos linguísticos da população de língua dominante.

O capítulo final da primeira parte do livro dedica-se especificamente ao caso catalão. Bastardas revisa as fases históricas da situação sociolinguística dos territórios historicamente catalanófonos durante o século XX. A perseguição política do catalão, a bilinguização generalizada durante esse período, a forte presença de migrantes hispanófonos ou o hábito de acomodação ao espanhol dos catalanofalantes logo que percebem um interlocutor não nativo são elementos importantes na situação atual da língua. O livro também oferece alguns dados diferenciais nas distintas áreas (a Catalunha, o País Valenciano, as Ilhas Baleares, a faixa catalanófona do Aragão e o território catalanófono de administração francesa) e avalia brevemente as opções de futuro, que têm a ver também com contextos muito mais alargados do que os da própria comunidade, como são fundamentalmente, para o caso, o europeu e até o mundial, num contexto de globalização.

A segunda parte do livro apresenta cinco textos independentes, mas muito inter-relacionados. O primeiro explora as possibilidades teóricas que as ciências biológicas podem aportar a uma socioecologia (que inclui uma linguoecologia), ao tempo que adverte sobre os perigos da adoção acrítica de conceitos de outras disciplinas, como aconteceu precisamente com a biologia. O segundo texto (traduzido do original catalão, como a primeira parte do livro) aborda a aparentemente contraditória necessidade das comunidades de preservar a própria especificidade cultural e linguística no quadro de uma globalização que interconecta a humanidade toda. Bastardas apresenta aqui uma proposta que vai além do pensamento dicotômico tradicional excludente (preservação versus intercomunicação; tradição ou modernidade) para conseguirmos pensar de forma inclusiva. Pergunta-se por que o bilinguismo social provoca geralmente a substituição e, através de uma interpretação da diglossia de Fergusson (talvez um pouco idealizada), propõe como política linguística mundial o princípio de subsidiariedade: é preciso conseguir sociedades políglotas com funções linguísticas rigorosamente reservadas às variedades locais: “Equalitarian coexistence must be based on the correct distribution of functions, using the principle of ‘subsidiarity’, which would introduce the norm that everything that can be done by local languages, does not need to be performed by a more general code of intercommunication” (p. 287). O terceiro texto segue nessa mesma direção, no intuito de oferecer chaves para uma ordem linguística mundial guiada pelo conceito de sustentabilidade linguística.

O quarto texto é formado por excertos do livro *Language and identity policies in the ‘glocal’ age: New processes, effects, and principles of organization* (cujo texto completo está disponível na rede em inglês e em catalão), que retoma as questões colocadas nos textos anteriores sobre a base do mesmo problema central: como harmonizar a globalização — com as necessidades de intercomunicação que implica e os ingentes movimentos populacionais que impulsiona — e a preservação das identidades culturais num quadro de justiça e igualdade universal. Finalmente, o último texto — mais uma vez, uma tradução do original catalão — volta ao início do livro, isto é, às questões epistemológicas: trata-se de uma apresentação da complexa, da que já falamos no início da resenha.

Bastardas é provavelmente o mais original e imaginativo dos sociolinguistas catalães, ou talvez seria mais exato dizer dos cientistas sociais, visto que sua orientação teórica ultrapassa com muita frequência as fronteiras disciplinares. O livro que agora apresenta em inglês constitui uma excelente amostra do seu trabalho de décadas em torno da dinâmica linguística. Seu olhar, ao mesmo tempo local e universal, enriquece sem dúvida a perspectiva sobre todas essas questões que muitas vezes prescindem do pensamento surgido precisamente de falantes de línguas minorizadas. O autor, certamente, faz propostas com a vista posta no âmbito linguístico e sociopolítico ocidental, e provavelmente muito do que escreve dificilmente diz respeito, por exemplo, às comunidades linguísticas indígenas do Brasil. Mesmo assim, acho que os textos contêm ideias e intuições absolutamente aproveitáveis para qualquer leitor, profissional da matéria ou não, interessado nas dinâmicas socioecolinguísticas, como diria o autor.